

LARA VIEIRA DE CARVALHO

PLANO PORMENOR DA RIBEIRA DO SAMOUÇO
A ÁGUA COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE DO
DESENHO URBANO

Orientador: Professor Doutor Hugo Philipe Herrenschmidt Fernandes de
Cerqueira

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E
TECNOLOGIAS

Escola de Comunicação. Arquitetura, Artes e Tecnologias da informação

LISBOA

2019

LARA VIEIRA DE CARVALHO

PLANO PORMENOR DA RIBEIRA DO SAMOUÇO
A ÁGUA COMO ELEMENTO ESTRUTURANTE DO
DESENHO URBANO

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura no Curso de 2º ciclo de Arquitectura, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Orientador: Prof. Doutor Hugo Filipe Herrenschmidt Fernandes de Cerqueira

Presidente: Prof. Doutor Pedro Filipe Coutinho Cabral D'Óliveira Quaresma

Arguente: Professora Doutora Maria Luisa Alves da Paiva Meneses de Sequeira

Vogal: Profª. Doutora Filipa Alexandra Gomes da Silva Oliveira Antunes

UNIVERSIDADE LUSÓFONA DE HUMANIDADES E
TECNOLOGIAS

Escola de Comunicação. Arquitectura, Artes e Tecnologias da informação

LISBOA

2019

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar a dissertação de mestrado, compete-me expressar o meu agradecimento a todos os que contribuíram para a sua realização e me deram um apoio inestimável.

Ao meu orientador, Prof. Doutor Hugo Nazareth Fernandes devo, desde a primeira hora, a disponibilidade para orientar este trabalho, agradeço os ensinamentos e apoio proporcionados e o interesse transmitido ao longo da elaboração da dissertação.

As minhas queridas amigas de curso Keura Neto, Keury Neto, Patricia Alberto, Rosa Bequengue e a Yanessa Guerra, que partilharam comigo de tudo um pouco e que marcaram presença neste caminho académico, com quem troquei ideias e me deram o estímulo e encorajamento necessário para a composição deste trabalho.

Aos meus pais, Américo e Rosa Cruz, pelo amor, pela compreensão, paciência e apoio das mais diversas formas possíveis e impossíveis, pela compreensão e incentivo que me deram ao longo de todo o meu percurso académico. Dedico-vos o que de melhor a dissertação contém.

RESUMO

A paisagem urbana é a imagem em evolução de mudanças sociais dinâmicas, económicas, ecológicas e de heterogeneidade. Propõe-se uma intervenção ao espaço com capacidade de se reintegrar, adoptar modalidades específicas adaptadas a finalidades particulares, frente às dimensões de risco às quais as cidades, e áreas periurbanas, se encontram cada vez mais expostas.

O Plano Pormenor da Ribeira do Samouco será mestre na reabilitação ligando a Rua da Praia, com a Praia do Samouco, as Salinas, e a malha urbana consolidada do Samouco.

É de forma complexa a maneira que as cidades evoluem, e com o tempo adoptam o conteúdo material necessário para as inúmeras interações.

No desenvolvimento da dissertação apresentar-se-á os contextos urbanos, tendo em conta todo o enquadramento histórico. São considerado como matrizes eixos de expansão e renovação urbana.

A partir da base bibliográfica adquirida e um trabalho feito a partir da observação do espaço/lugar, pretende-se reforçar as interações através da água como elemento estruturante afim que promova valorização ao espaço natural e urbano.

A água, do ponto de vista humano, reforça interações temporais, sociais e espaciais, que incentivam a valorização do espaço natural. Ao nível do desenho urbano é a chave de ligação entre os pontos citados e a envolvente, criando novos percursos e parcelamentos dentro do perímetro de intervenção.

Palavras-chave: Periurbano, Equipamento, suburbano, Reabilitação urbana , Água, Plano Pormenor.

ABSTRACT

The urban landscape is the evolving image of dynamic, economic, ecological and heterogeneous social changes. It proposes an intervention in space with the capacity to reintegrate, to adopt specific modalities adapted to particular purposes, in view of the risk dimensions to which cities, and peri-urban areas, are increasingly exposed.

The Master Plan of Ribeira do Samouco will be a master in rehabilitation linking Rua da Praia, with Praia do Samouco, Salinas and the consolidated urban network of Samouco.

Cities evolve in a complex way and over time they adopt the material content necessary for the countless interactions.

In the development of the dissertation, urban contexts will be presented, taking into account the entire historical context. The expansion and urban renewal axes are considered as matrix.

From the acquired bibliographic base and a work done from the observation of the space / place, it is intended to reinforce interactions through water as a similar structuring element that promotes valorization of the natural and urban space.

The water from a human point of view, reinforces temporal, social and spatial interactions, which encourages the valorization of the natural space. In terms of urban design, it is the key between the points mentioned and the surrounding area, creating new paths and subdivisions within the intervention perimeter.

Keywords: Periurban, Equipment, suburban, Urban Regeneration, Water, Master Plan.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	2
RESUMO	3
ABSTRACT	4
ÍNDICE	5
ÍNDICE DE FIGURAS	7
INTRODUÇÃO	8
TEMA OBJECTIVO MÉTODO ESTRUTURA	8
1 – ESTADO DA ARTE SAMOUCO	11
1.1. CONTEXTUALIZAÇÃO	11
1.2. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO	14
1.2. PROBLEMÁTICA: PATOLOGIAS E FENÓMENOS DE CRESCIMENTO URBANO DESCONTROLADO	19
2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO CONCEITOS DE ESPAÇO PÚBLICO	22
2.1 PAISAGEM URBANA GORDON CULLEN	23
2.2 MORFOLOGIA URBANA CARLOS DIAS	24
2.3. PROJECTOS DE REVITALIZAÇÃO JANE JACOBS	25
2.4. DESIGN OF THE CITIES EDMUND BACON	27
2.5. DIMENSÃO HUMANA JAN GEHL	29
3 – A AGUA COMO ELEMENTO DO ESPAÇO PÚBLICO E URBANO	32
3.1. ÁGUA COMO ELEMENTO DE COMPOSIÇÃO URBANA	32
3.2. WATERFRONTS FRENTES RIBEIRINHAS	33
3.3. ESTUDOS DE CASOS CIDADES CANAIS	36
4 - PROPOSTA	39
4.1. REFLEXÃO CRÍTICA	39
4.2 PROCESSO DE CONCEPÇÃO	45
I – LOCALIZAÇÃO	45

II – BARREIRAS EXISTENTES	46
III – ESQUISSO	47
IV – ESQUEMA CONCEPTUAL	48
V – PLANTA GERAL	50
VI – CORTES INTERVENÇÕES	52
VII – FOTOMONTAGEM	55
4.3. CONCLUSÃO	56
BIBLIOGRAFIA	57
APÊNDICES	59
EXTRA SAMOUCO	59

ÍNDICE DE FIGURAS

- Figura 1- Plantas de parte Distrito Lisboa e Setúbal | Perímetro de Intervenção
- Figura 2 – Foto do perímetro de Intervenção esq. | Planta sinalizada com o local da foto (Foto da autoral)
- Figura 3 – Estudo Frente Ribeirinha
- Figura 4 – Leito da ribeira entre praia e salinas
- Figura 5 – Perímetro de intervenção
- Figura 6 – Casa do mirante Samouco
- Figura 7 – Coreto do Samouco
- Figura 8 – Chafariz da Roda do Samouco
- Figura 9 – Pesca Ilegal no Samouco
- Figura 10 – Elevações do nível da água
- Figura 11 – Fotomontagem frente ribeirinha Samouco
- Figura 12 – Desenho “The Finger Plan”
- Figura 13 – Vista em planta da área | Copenhaga
- Figura 14 – Inserção da Malha Referida
- Figura 15 – Ilustração da proposta do Parque
- Figura 16 – Ilustração Espaço Social na Proposta do Mercado
- Figura 17 – Ilustração da Intervenção da água como convívio na praça
- Figura 18 – Foto satélite Samouco
- Figura 19 – Barreiras existentes
- Figura 20– Ilustração de barreiras existentes e intervenções conceptuais
- Figura 21 – Ilustração Proposta Samouco corte A

** Todas as imagens com legendas não referenciadas são de nossa autoria.*

INTRODUÇÃO

Tema | Objectivo | Método | Estrutura

A presente dissertação tem como tema o pensamento sobre uma parcela do território, parte construída, parte virgem, com vista à sua recomposição e salvaguarda de uma iminente e contínua ameaça destrutiva invasiva da água.

Propõem-se a salvaguarda da área de reserva natural, complementando o que já existe e criando novos equipamentos, como praça, parque, e mercado, que por sua vez, estarão articulados através da água.

Surgirá um novo mercado que funcionará como edifício gerador e distribuidor do projeto, estabelecendo um elo territorial entre os equipamentos e a cidade antiga.

Através das características urbanas da cidade do Samouco, constata-se que a mesma evoluiu de forma natural, a noção de ruralidade, quando aplicada a um modelo de ocupação do território, baseando-se em aspectos como o povoamento de baixa densidade demográfica, e ainda a pescaria e agricultura como atividade económica dominante.

O polígono de intervenção situa-se na extremidade norte da vila, entre a zona antiga, localmente designada de vila do samouco, delimitada pela Rua da Base aérea N6 à oeste, Rua da Praia à este, a praia do Samouco (a ribeira) a norte e as salinas à nascente.

Dentre alguns dos objetivos desta dissertação estão a análise e investigação e a reabilitação do território, como polígono de intervenção, ameaçado pelo crescimento urbano desordenado ou não planeado; criação de um parque que no seu todo proporcione à população a percepção e sensibilização para um futuro mais sustentável e acessível, de forma a não haver consequências irreversíveis.

Equipamentos que propomovem espaços de qualidade e que promova a interação humana, que ajude a combater a problemática da sazonalidade, que incentive à comunicação entre a agricultura em ambiente urbano. Perceber como é que a

implantação de um edifício público e respectiva praça/mercado pode funcionar como eixo gerador de todo este espaço.

A **escolha do local** está relacionada a experiências de trabalhos curriculares feitas no local, que mostram a importância do impacto da sustentabilidade nas Salinas do Samouco, com diversos tipos de aves e espécies migratórias. E ainda por ser uma área que reúne condições para serem destacadas com uma boa localidade e bastante potencial. Na verdade com um dos melhores panoramas sobre Lisboa.

O primeiro interesse surgiu devido as alterações climáticas e os impactos já conhecidos, acredita-se que venham a ser necessárias possíveis intervenções e propostas de requalificação do lugar.

Partiu-se da questão “Como transformar este território periurbano em espaço consolidado, e ainda como resolver questões negativas e de impacto ambiental diversas do Samouco?”.

Uma das possíveis respostas para esta solução, foi um estudo socioespacial na vila existente, voltando a tornar-se um lugar onde se visita e frequenta constantemente.

Para o desenvolvimento deste projeto foram estudados parques, desenvolvimentos de praças, crescimento urbano, estratégias de crescimento das cidades, cidades canais e o importante papel da água como agente de conexão nos espaços.

O elemento água, que é o elemento estruturante do estudo, é estudado paralelamente com as pesquisas espaciais feitas.

A proposta, em termos de composição projectual, também amplia a ocupação urbana, em parte pela exploração do turismo que a região consegue proporcionar, devido ao interesse das salinas, da observação de aves, do ecoturismo, das praias, e da componente histórica.

Paralelamente à criação de esboços, pesquisas, tentativas variadas de resolução de um traçado e respetivo parcelamento, o projeto foi-se alterando e direcionando para outras questões, focadas no desenvolvimento urbano e sustentabilidade do meio ambiente envolvente, bem como da própria vila.

Com o intuito de ter bases para a proposta, são expostos alguns estudos de caso de cidades que se desenvolveram a partir do traçado urbano da água, e criaram um vínculo pessoal entre a cidade, o espaço em si, e as pessoas.

A proposta cria interferências físicas e visuais, uma alternativa para atuais moradores e futuros cidadãos. Interpreta uma nova organização espacial do espaço urbano.

A ribeira do Samouco apresenta, atualmente, alguns desafios que são revelados ao longo da análise do espaço urbano. É proposto analisar fatores que permitam conhecer como funciona a utilização do perímetro urbano e gerar uma funcionalidade como conexão entre a ribeira e a cidade.

Este projeto de dissertação divide-se em quatro capítulos. O primeiro capítulo designado de Enquadramento Teórico I acontece sobre uma recolha de dados e pesquisa de campo onde é indicada a relação existente entre a cidade e com os seus habitantes e colocadas as problemáticas e patologias do desenvolvimento do Samouco.

A segunda parte, Enquadramento Teórico II, é a base de enquadramentos do desenvolvimento urbano, pertinente á proposta final do trabalho. Trata a caracterização do espaço urbano em si.

Após explorar conceitos sobre o espaço público introduzimos a terceira parte do trabalho: Água. A água com o papel de elemento estruturante urbano. Para o apoio deste projecto refletimos sobre casos de planeamento urbano já existentes, que referimos como “cidades canais”.

E por fim, após, uma reflexão crítica como proposta na qual se colocam os tipos de relação que cada ponto do terreno terá com a água, e de que maneira estão conectados os equipamentos existentes. Serão apresentados anexos visuais para uma melhor percepção do mesmo.

1 – ESTADO DA ARTE | Samouco

1.1. Contextualização



Figura 1 | Plantas Distritos Lisboa e Setúbal | Perímetro de Intervenção (Fonte: trabalho ULHT)

A freguesia do Samouco tem 2900 habitantes, de acordo com os Censos de 2001, tendo ao longo dos anos uma notória expansão. Anteriormente à cidade, constatamos que a história da bacia do Baixo Tejo começa muitos anos antes.

O território desenvolveu-se com o final das grandes manifestações vulcânicas que se verificaram na região Lisboa/Mafra, provenientes de numerosos vulcões.

A partir dessa data, a Bacia do Baixo Tejo começou a afundar-se ao longo de uma grande falha, a qual, não só determinou o percurso do seu leito, como é causada diferença marcante do relevo entre as suas margens.



Figura 2 | Foto do perímetro de Intervenção esq. | Planta sinalizada com o local da foto | Foto autoral

Nos séculos XVI e XVII o Concelho conhece um significativo desenvolvimento económico motivado por uma crescente produção de sal e motivador de um acréscimo populacional.

No que concerne à actividade agrícola, o Concelho foi alvo de experiências pioneiras de fomento agrário, no século XIX.

Com a construção da Ponte Vasco da Gama, o concelho de Alcochete voltou a ser alvo de investimentos, retomando o desenvolvimento económico.

A proximidade com o rio revelou-se um fator importante, quer para o transporte dos produtos agrícolas produzidos, quer na formação de núcleos urbanos neste local, desde meados do século XIII, até princípios do século XIV.

De acordo com as informações, camara municipal de Alcochete, a respeito do Samouco, o aparecimento dos primeiros povoamentos na freguesia remetem ao ano de 1241 e estão relacionados com a produção de sal na exploração das Salinas.

O polígono de intervenção tem uma área de 244.905m², e fica situado na zona noroeste da vila, entre as Salinas, a Praia Fluvial do Samouco e a Base Aérea. Nomeadamente, na Rua da praia, Rua da Base Aérea N6.

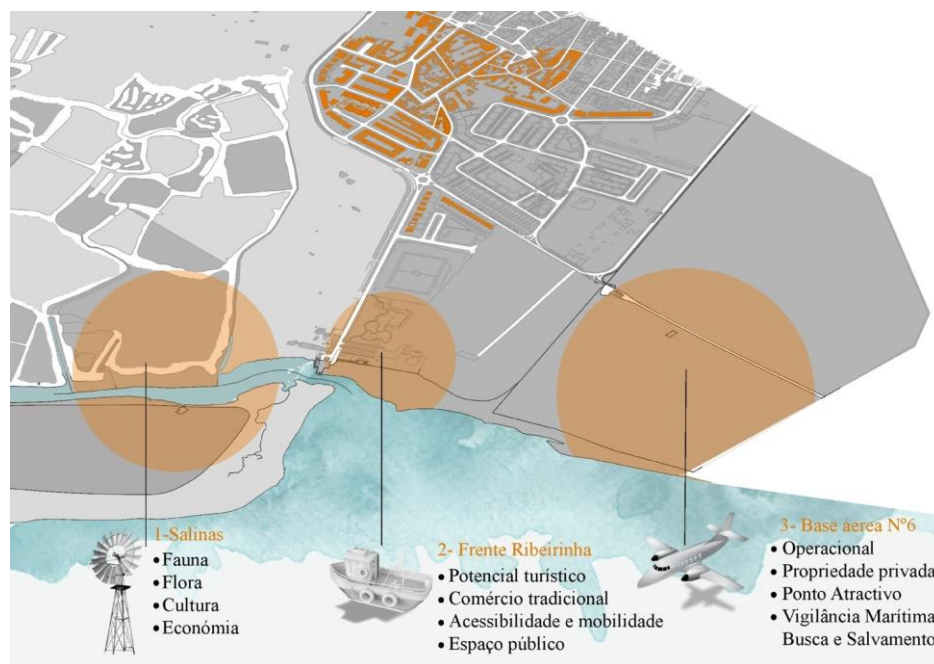


Figura 3 | Estudo frente ribeirinha (via trabalho em grupo Rosa Bequengue)

Sobre o local de intervenção consideram-se terrenos produtivos agronomicamente pela proximidade com a frente ribeirinha e zonas preservadas naturais.

A presença das salinas define fortemente os espaços urbanos ainda não consolidados. Atualmente essa relação entre território, rio e áreas verdes não se encontra bem estruturada.

Atualmente estas diversas impressões como desorganização urbana, pouca intervenção arquitetónica, degradação do espaço público, reduzidas inovações e fraca consciencialização ecológica explicam o espaço como quase espaço descaracterizados.

O polígono é delimitado pela praia fluvial e conta com atividades piscatórias bem como com atividades de pesca ilegal de bivalves.

A principal via de acesso a cidade também é a via que conduz até a frente ribeirinha.



Figura 4 | Leito da Ribeira entre a praia e as salinas

A ribeirinha do Samouco é considerado local de encontro, onde visitantes que desfrutam da Praia Fluvial, do Parque de Merendas e Zona de Lazer como entretenimento. É um dos maiores espaços verdes do Concelho. Entre a primeira rotunda da Vila e o Parque de Merendas e Zona de Lazer há uma ligação por um circuito pedonal.

1.2. Caracterização do espaço público

De acordo com o autor Carlos Dias, numa das suas obras Cadernos de Morfologia Urbana, Livro 2, O Tempo e a Forma, (na parte II - Forma urbana e comportamento humano), retrata que os espaços podem conter em si mesmo características humanistas e foi desta forma que nos foi possível observar algumas características no nosso objecto de estudo.

Segundo a psicologia da percepção, podemos ter uma leitura de crescimento da população e uma sociedade rural que organizou-se em torno da terra, como resultado de uma paisagem marcada pela capacidade humana de

explorar os recursos naturais de forma a obter alimentos, através do cultivo, da criação de gado ou da recolção.

Aspectos sociológicos do espaço público têm como ponto as duas praças centrais da cidade onde se realizam os encontros sociais, assim como os cafés.

Os aspectos de movimentação são dados a partir dos próprios habitantes, que estão no local e o tipo de permanência é pouco rotativo.

Como estratégia no projecto teremos preocupações humanistas, implantação de aspectos funcionais e ecológicos.

“A arquitectura e o urbanismo, que são os meios pelos quais os homens fornecem à própria vida sua moldura útil, exprimem, exactamente, os valores materiais e morais de uma sociedade.” (Corbusier, 2000:49)

Os espaços devolutos podem ser vistos como uma mais-valia para a reconversão da cidade, isto por fornecerem locais em zonas urbanas, muitas vezes já consolidadas e em que as oportunidades de transformação são diminutas frente ao desenvolvimento sustentável.

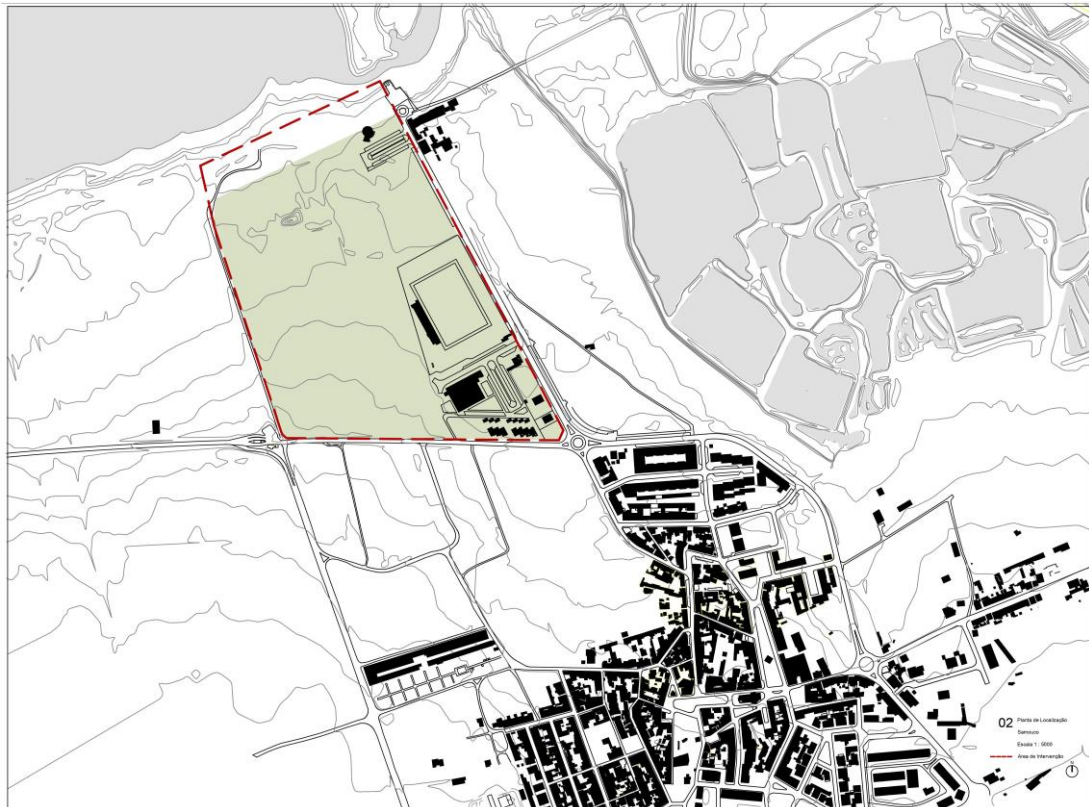


Figura 5 | Perímetro de Intervenção | Samouco (autoral - *escala referente a uma folha tamanho A3)

De acordo com o Livro Forma Urbana conseguimos perceber diferentes abordagens do perímetro estudado, conforme a morfologia urbana e ambiental local.

Nesse constam atributos ambientais qualificadores e reguladores da satisfação e da liberdade de actividades, entre eles: os percursos das salinas do samouco, com o turismo de observação das aves ou atividades em poucos parques recreativos espalhados pela cidade.

Ainda sobre a obra, na forma urbana e equilíbrio ambiental, classifica características ambientais qualificadoras e reguladoras da satisfação e da liberdade de actividades e o modo como as pequenas condições atmosféricas podem dar origem a diferentes composições naturais do ar neste perímetro de estudo por influência das salinas, por exemplo.

Nestes mesmos efeitos são percebidos elementos da forma geral do espaço público do samouco como simetria, neutralidade, ordem, uniformidade, simplicidade, liberdade, abertura, intimidade, escala humana e clareza.

Como as cidades também se caracterizam por pontos de referência, e marcos na história, quis potencializar a ligação de três elementos que são considerados importantes na relação com a história e a cidade.

CASA DO MIRANTE DO SAMOUCO, ALCOCHETE (1917)

Edifício revivalista do princípio do século XX, que se desenvolve em torno de uma torre octogonal de quatro pisos, os frisos de azulejo nas fachadas, em particular, os varandins e o gradeamento em ferro forjado.

Está classificada, como imóvel de interesse arquitetónico, histórico, artístico e municipal.



Figura 6 | Casa do mirante (foto Junta de Freguesia do Samouco)

“Uma vez por outra, os edifícios (que em geral observam as convenções, integrando-se na paisagem sob a forma de arquitectura) aparecem-nos com uma outra forma de arte, e na medida que isso acontece, adquirem significados novos, que já são regidos por novos padrões (...) (Gordon, 1974: 72)”

CORETO DO SAMOUCO (1981)

O coreto do Samouco estabelece uma relação entre as conceções arquitetónicas e a Praça principal da cidade José Coelho.

Para sua materialidade foram considerados alguns materiais como betão armado, azulejo, revestimentos de madeira e metal.

Serve como um ponto de referência para atividades de convívio colectivo, além disso é considerado elemento artístico e decorativo.



Figura 7 | Coreto de Samouco (foto Junta de Freguesia do Samouco)

CHAFARIZ DA RODA (RÉPLICA, 1992)

Símbolo dos primeiros abastecimentos de água do Samouco, foi retirado após novos métodos de distribuição de água a domicilio serem implantados depois dos anos 50 e reposto na década de 90.

Representa uma memória colectiva e uma apropriação de um lugar que favorecia a interligação das pessoas e possibilitava o encontro. A fonte de água que gera conexão social. Considerado turístico contudo com reflexos históricos.



Figura 8 | Chafariz da Roda do Samouco (foto Junta de Freguesia do Samouco)

1.2. Problemática: Patologias e fenómenos de crescimento urbano descontrolado

Com o passar dos anos, a água da frente ribeirinha foi um atrativo que originou migrações de todo o país, incentivando uma diversidade etnográfica e cultural.

No que pertence à arquitetura, o núcleo urbano antigo do Samouco integra uma diversidade de edifícios que, na sua maioria são construções, principalmente casas de habitação com 1 ou 2 pisos algumas delas datadas do século XIX.

No século 19 a população do Samouco só teve um acréscimo considerável, quando se deu um desenvolvimento técnico e um progresso económico-social com reflexos na área da saúde segundo dados da camara municipal de Alcochete, passando dos 501 habitantes em 1864, para 956 em 1909.

O constante crescimento populacional prosseguiu nos anos posteriores com a chegada de muitas pessoas provenientes da implantação das indústrias, vindas de Alcochete e Montijo, entre outras.

Os primeiros povoamentos da região surgem através da atração agrícola e produção de sal das salinas. A situação geográfica está aliada à fertilidade dos solos, mas como a área ribeirinha que é o controlo de cheias ou controlo do nível da água se encontra volúvel frente ao crescimento da cidade.

Juntamente com o despertar da consciência ecológica global e a discussão em andamento sobre questões de sustentabilidade, esta paisagem urbana com

seus atributos constitui um campo desafiador de pesquisa e planeamento paravárias disciplinas além da arquitetura.

É preciso implementar estratégias de planeamento que sejam úteis na minimização dos efeitos de crescimento desordenado.

O contexto em que se encontra o perímetro estudado um contempla percurso pedonal que perde a direção quando chega à praia. Pouca comunicação entre espaços, quando na verdade quase todos os espaços de lazer estão interligados pela proximidade.

Se existiam planos urbanísticos não foram aplicados.

Os trajetos retratam abandono do espaço e colocam a envolvente em questão. Não há uma integração de espaços nem relação com a cidade. Junto ao rio, onde há zonas de pescas e os barcos param, há uma crescente tentativa de pesca ilegal de amêijoas no estuário do Tejo.

Lugares abandonados que se tornam fáceis alvos de exploração e vandalismo.



Figura 9| Pesca Ilegal Samouco (Fonte Jornal Expresso)

A frente ribeirinha, como espaço público, pode ser sinónimo de novas oportunidades, além de auto sustento local. Segundo as projeções do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas, estas indicam que é possível a subida do nível do mar até 1 metro por ano.

Essa alteração de nível gradativamente anual pode ser apresentada como um problema, ao mesmo tempo que uma oportunidade para serem geradas soluções frente ao problema eminente da cidade.



Figura 10 | Elevação nível da água (Fonte: Floodmap)

2 – ENQUADRAMENTO TEÓRICO | CONCEITOS DE ESPAÇO PÚBLICO

Por definição, espaço público é a ligação entre lugares onde são realizadas atividades, intercâmbios sociais e económicos, onde se misturam culturas e pessoas. São como pórticos das instituições públicas, bibliotecas, escolas, entre outros, onde há interação uns com os outros. Quando esses espaços têm um bom funcionamento, servem de cenário para a vida pública. Surgem desde do início da história, na Atenas Clássica, após a necessidade de organização do espaço social surgindo um compromisso dos cidadãos com a cidade.

No processo urbano, destaca-se a importância dos acessos e ligações. Um espaço público bem-sucedido é de fácil acesso e passagem; é visível, tanto à distância quanto de perto. O conforto e imagem inclui percepções sobre segurança, limpeza e disponibilidade de lugares. Podemos dizer que, um espaço é confortável e com uma boa apresentação, uma boa imagem, é a chave para o triunfo.

Dar motivo para as pessoas utilizarem determinado espaço da cidade, uso e atividades são a base, quando não há nada a fazer, um espaço estará vazio e isso geralmente significa que algo está errado.

O urbanista William Whyte escreve sobre comportamento de pedestres e dinâmica na cidade, a parte social dos espaços públicos. Foi o primeiro a questionar como os espaços urbanos recém planeados estavam a funcionar, se existia algum estímulo externo capaz de estabelecer ligação entre as pessoas presentes em determinado espaço público.

O autor contempla que pequenos locais urbanos são inestimáveis, e a rua da cidade é “o rio de vida... Onde nos reunimos”. Nem todas as praças estavam a ser utilizadas como lazer, às vezes também, apenas como passagem. A solução então seria priorizar mobiliários móveis, dando às pessoas a própria parte criativa de

organizar o espaço público como gostariam de usar. Além de facilitar aspectos como posicionamento solar, convívios, em suma, diferentes oportunidades.

2.1 Paisagem Urbana | Gordon Cullen

A paisagem urbana é abordada como um legível território de cultura, processo e produção; operando como uma entidade de sistemas ecológicos, de infraestruturas, sócio ecológico e perceptivo a necessidades de planeamento, com isso é considerado um precedente para o desenvolvimento urbano.

A arquitetura da paisagem urbana é descrita através da teoria e da prática, juntamente com abordagens correlativas derivadas, principalmente, do urbanismo da paisagem e, secundariamente, do campo da arquitetura.

Em termos de estudos gerais, o fim é tentar conciliar a multiplicidade de praças/pracetas, como o autor refere, como item facilitador e gerador de conforto, lazer e convívio. Para cada cenário um estilo, entre pracetas privadas, ou abertas, públicas, populares com cafés, entre outras, de acordo com a mudança discernível na utilização.

O humano como o objecto mais móvel da cidade.

“ (...) Prever unicamente espaços livres de modo a que estas atividades possam simplesmente existir não é suficiente. O espaço livre como elemento duma cidade é essencial, mas necessita também de ser povoado com objectos de modo a separar os fluxos dissociados de pessoas em grupos (...). CULLEN, pág. 106)

A possibilidade de revelar aos poucos a cidade mesmo que esteja tudo ao seu alcance.

Segundo o autor deveria ser perceptível, graças às linhas de força, à funcionalidade da cidade, apenas pela visualização da planta. O traçado urbano existente deverá representar o passado e o futuro ao mesmo tempo. No desenho urbano averiguar que cada linha tem a sua expressão própria.

Afirma ainda que a relação entre a forma e a função das linhas de força devem estar sintonizadas, caso contrário tudo se torna mais confuso.

A rua, como um dos fatores mais importantes do tecido urbano, deve ser intensificada no seu propósito gerando atração visual.

Salienta três aspectos. A ótica, o lugar e o conteúdo. Considera o que torna visualmente mais atrativo e que gera reações criativas referente ao observador. O lugar sugere, segundo a ordem, uma diferente percepção. O corpo como sensorial constrói uma relação com o ponto em que se encontra. O olhar do observador coloca perspectiva em cada deslocação do percurso. Por fim a materialidade, como a cidade está caracterizada e inserida no ambiente.

Em suma, Cullen estimula a percepção da cidade, a apreciação e descoberta de maneiras distintas. Sendo a visão um instrumento, gera um observador mais concentrado nas suas emoções e sensações.

2.2 Morfologia Urbana | Carlos Dias

De acordo com o autor, em uma das suas obras - Cadernos de Morfologia Urbana, no Livro 2, O Tempo e a Forma Parte II, referente ao capítulo de espaços exteriores: os “objectivos urbanísticos em espaços públicos residenciais e tipos de espaços públicos” serão assuntos relevantes a este trabalho de pesquisa.

Basicamente ter um relacionamento com a área exterior e maior conectividade com o colectivo da área. Na continuação dos percursos, assegurar acessibilidade e adequação pedonal, assim como uma possível multifuncionalidade do local.

É ter a consciência da adequação sociocultural e o respeito por pré-existências construídas e naturais. Relacionado a variedade de utilização e adaptabilidade possível do espaço.

Definir entre os espaços já existentes, já construídos, uma disposição da malha urbana. Assegurar efeitos de conjunto ou afinidades básicas entre estrutura e imagens urbanas no interior da área residencial. Assegurar afinidades e relações ambientais equilibradas entre diversas estruturas e imagens urbanas e naturais, contíguas ou próximas, entre a área residencial a envolvente urbana e natural.

Assegurar continuidades ou demarcações urbanas e naturais viáveis, ambientais e espacialmente adequadas e incluir elementos de interpretação mútua e de colagem de imagens, suportando actividades com vitalidade e interesse nessas uniões ou fronteiras.

Na série de intervenções descritas na parte III Espaços Exteriores urbanos exigências e tipos, o autor refere a presença da água com suas variadas formas e que, por ser um meio natural, contribui para a viabilidade da manutenção do coberto bio vegetal, como factor básico de motivação de conforto ambiental e de sensações de agradabilidade, tais como sugestão de frescura e movimento.

2.3. Projectos de Revitalização | Jane Jacobs

Relativamente à consciência dos problemas resultantes do planeamento urbano das cidades ou da sua revitalização, a autora aborda teorias que aparecem das tentativas do desenho urbano. E através dele conhecer o funcionamento das coisas.

A autora escreve sobre ordem visual: limitações e potencialidades. Considerar-se-á para esta pesquisa a limitação estética do espaço.

Segundo a obra para um bom planeamento urbano, elucidar de certa maneira o significado e a ordem das cidades.

Evitar o caos explicando a regra de ordem funcional.

“Por usarmos as cidades e, portanto, termos experiências com elas, já temos um bom ponto de partida para compreender e valorizar sua ordem. Parte da nossa dificuldade em compreendê-las e boa parte da desagradável impressão de caos, provem a falta de recursos visuais suficientes para apoiar a ordem visual e, pior ainda, provem de incoerências visuais evitáveis.” (Jacobs, 1961:251)

No entanto as áreas com grandes variações de funcionalidade proporciona a práticas de lazer e práticas comerciais. Na composição do espaço conseguir através da sugestão dizer muito com pouco.

“ As ruas constituem as principais paisagens das cidades.” (Jacobs, 1961: 253)

Intensidade e diversidade nos percursos não ortogonais. Gerar atração visual na disposição dos percursos possivelmente com pequenos parques entre passeios, ou zonas arbóreas. Praças que tornam elementos ao redor em destaque.

Com isso são essenciais pontos de referência para que a cidade se torne distinta.

“A estrutura real das cidades consiste na combinação de usos, e nós nos aproximamos de seus segredos estruturais quando lidamos com as condições que geram a diversidade. (Jacobs, 1961:252)

O que a autora contempla na sua obra “A Morte e a Vida das Grandes Cidades” é como importante é ter compreensão de projecto como parte de um todo. Através das suas características, fortalecer o já existente com o novo.

Ter o diagnóstico sobre o espaço urbano e examinar as áreas de carências, como equipamentos ou falha na diversificação dos usos.

Estes espaços enquadram no parâmetro já descrito nos capítulos iniciais da obra como inter-relação de usos, seguro, vigiado e comumente frequentados. Expressão referida pela autora como “estrutura urbana sadia”.

“Devem ser projectadas novas ruas nesse pavimento térreo: ruas verdadeiras, que precisam ganhar construções e novos usos, e não passeios públicos atravessando parques vazios. (...) Sem dúvida, é preciso contar com pequenos parques públicos e áreas de esporte e lazer (...).” (Jacobs, 1961:262)

Criar na rua pontos atraentes de comércio, posicionados estrategicamente, em cruzamentos, em intercepções, além de atração visual transmitir vitalidade e urbanidade convincentes. Nutrir ruas vivas.

Explica ainda a vantagem das moradias mais baixas em termos de vigilância.

Em suma, melhorias físicas e económicas. Trazer mais segurança quanto à ideia de estar no espaço exterior e permitir um replaneamento ideal para a cidade.

2.4. Design of the Cities | Edmund Bacon

Em sua obra, Bacon a fim de identificar a reintegração de formas construídas relacionadas ao homem, deve contudo refletir a o papel desempenhado da escala humana dentro da cidade de forma a estarem conectados.

A partir disto define oito elementos da envolvente. Utiliza, como base, a pintura de Francesco Guardi Architectural Capriccio onde são simulados todos os elementos.

Para o autor a pessoa que pensa no espaço urbano, antes de desenhá-lo, deve ter conhecimentos dos tais elementos e utilizá-los. Esse processo ajudaria a desenvolver a cidade como deve ser.

“Conhecer acima/céu/horizonte”., elemento de observação que acusa, de maneira rápida, a época e o estilo construtivo, como identidade da cidade.

Em segundo plano, conhecer o plano permite que o observador se dimensione e relacione com toda a envolvente.

Pontos no espaço seria o terceiro elemento. Utilizado para criar tensão e alívio entre os elementos. Argumenta que lugares de qualidade têm pontos de destaque no espaço.

Os planos de recessão são usados na forma urbana para aumentar o poder dramático das estruturas. Isso é feito permitindo que o visualizador envolvido tenha uma referência à escala, quadro e posição em relação ao visualizador.

Quando falamos sobre desenho em profundidade, há uma oportunidade ao observador de relacionar-se com o lugar ao fazer a leitura de profundidade dos edifícios. Projectar em profundidade cria “movimento urbano”, um espaço compreendido sob diferentes perspectivas.

Os desníveis são o quarto ponto. Ao variar os níveis de piso, o criador torna mais interessante a experiência do percurso do observador. O momento ascendente pode simbolizar o poder ou conquista. O momento descendente pode simbolizar a profundidade e a grandeza do espaço.

Tudo acaba por estar interligado. A ideia de convexidade e concavidade estaria relacionada com os níveis, trabalhando com a profundidade das formas construídas, atuam como conectores e divisores do espaço urbano. Informam o volume da forma urbana e podem ser aproveitados para tornar todo o espaço mais interessante.

Cita a conexão do homem com o espaço. Tudo deve refletir a escala humana. Com isso trará benefício na forma urbana.

Com exemplos da cidade de Estocolmo, o arquitecto David Hellden apresenta uma proposta de cidade renovada que se comunica de forma diferente. Uma construção feita a partir de uma complexidade de sistemas de movimento.

Ao longo dos projetos urbanos realizados e em andamento, torna-se evidente que o incentivo a um esquema cooperativo rápido e precisamente programado, é fundamental para um futuro sustentável e resiliente da cidade.

2.5. Dimensão Humana | Jan Gehl

Em sua obra o autor adverte que os espaços são pensados como edificações individuais e não aglomerados. Como urbanista, utilizou teorias de planeamento para definir tráfegos, percursos, e pensar mais na dinâmica das cidades para pessoas. Áreas dinâmicas e usos mistos.

Notava-se uma falta de interesse da vida urbana e pouco foco na necessidade das pessoas.

“As cidades devem pressionar os urbanistas e os arquitectos a reforçarem as áreas de pedestre como uma política urbana integrada para desenvolver cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis. Igualmente urgente é reforçar a função social do espaço da cidade como local de encontro que contribui para os objectivos da sustentabilidade social e para uma sociedade democrática e aberta.” (Gehl, 2010:8)

Criar espaços convidativos de maneira a que as pessoas consigam integrar suas rotinas diárias com o espaço exterior. Reforçando a ideia de como transformar uma cidade em cidade viva.

A segurança convida as pessoas a fazerem mais percursos a pé, e vice-versa. Pessoas na rua também transmitem mais segurança pela vigilância óptica como muitas vezes referido também pela autora Jane Jacobs, na sua obra “A morte e a vida de grandes cidades”. Incentivos a acompanhar as atividades da cidade.

O autor também refere a “mobilidade verde”, o menor uso dos transportes públicos ou privados, possibilitando a conciliação dos meios transitórios, como “dois lados da mesma moeda”.

De facto, todas as questões retratadas pelo autor acabam por estarem interligadas, implica que quando um lado começa a ser desenvolvido, o outro desenvolve também.

O fim é tentar conciliar todas as conexões diretas entre as melhorias do espaço da cidade e a vida das cidades.

Este sistema de “primeiro nós moldamos as cidades – então elas nos moldam”, como já vimos anteriormente, a ideia de que o planeamento urbano altera a atuação dos indivíduos no espaço urbano.

A requalificação do espaço acontece desde a época das cidades medievais que foram realocados cafés no passeio público ao longo das ruas,

A ideia é não utilizar tanto as vias para carros, pois quanto mais o numero de vias, maior o trafego de automóveis a circular. Através do traçado urbano dar continuidade a novos caminhos pedonais.

Segundo o autor a redução de faixas viárias trás benefícios e melhora as condições e padrões de aproveitamento da cidade. Uma economia quase baseada em percursos pedonais.

“Veneza goza de uma situação toda especial entre as velhas cidades para pedestres. Ao longo de seus longos anos de história, continuamente, tem funcionado como cidade de pedestre e, até hoje, funciona porque as inúmeras pontes sobre os canais e as ruas estreitas impediam o acesso dos carros. (...) Além disso, o facto de a cidade ter sido pensada e

adaptada para uso de pedestres, durante séculos, a torna, hoje, particularmente interessante como modelo para se trabalhar com a dimensão humana.” (Gehl,2010:12)

Segundo o autor no capítulo da dimensão humana, o espaço público fornecido de novos equipamentos como praças, alamedas e passeios são capazes de gerar nova vida ao centro, como o exemplo do projecto urbanístico apresentado Melbourne.

“ O rio que atravessa Arhus, a segunda maior cidade da Dinamarca, foi canalizado e utilizado como importante via de tráfego, antes de ser reaberto em 1998. Desde então, a área de pedestres e recreação, ao longo do rio, é o mais popular espaço urbano.” (Gehl,2010:16)

Em ambos os casos de estudo que o autor refere, Copenhaga e Melbourne, tiveram sua vida urbana transformada através de novas perspectivas do habitar no espaço exterior. Em Copenhaga, a água foi fator decisivo para o novo desenho urbano da cidade. A nova organização encontra-se fincada na estrutura da cidade.

Com economia sólida e funções versáteis, reconhecem o espaço como principal lugar de encontro, surge a opção de criar cidade para pessoas.

3 – A AGUA COMO ELEMENTO DO ESPAÇO PUBLICO E URBANO

3.1. A Água como elemento de composição urbana

De acordo com a obra Planeamento urbano de Le Corbusier, no capítulo IV as regras: humano e natureza, através de uma visão arquitectónica e urbanística capaz de colocar o homem em um encontro homem e natural.

“ Neste momento de confusão, voltamos aos princípios e verdadeiros que constituem o humano e o seu meio. O homem considerado como uma biologia – valor psicofisiológico, o meio explorado de novo em sua essência permanente, que será a natureza... Reencontrar a lei da natureza. E levar em consideração o homem -e o seu meio – o homem fundamental e a natureza profunda.” (Corbusier, 2000:47-48)

A partir da água como elemento estruturante do desenho urbano que caracteriza e interpreta novas possibilidades dentro da estrutura urbana.

A água tem essa característica de interação e conexão com a envolvente. Pode ser um elemento chave no projecto de arquitectura em que pode despertar interesse e os sentidos, de forma a poder ver, ouvir, sentir e experienciar o espaço urbano tornando-o mais atrativo.

Na história as civilizações desenvolviam-se a partir da proximidade da água. Desde muito cedo o homem percebeu que a captação e distribuição da água favorecia a expansão do seu território. Recurso tão necessário que criava cidades polarizadas por esta nova centralidade.

A abundância e a escassez podem ser a solução para a criação dos novos modelos de vivência. Assim como a interação e conexão com a envolvente natural.

São mais promissores em geral, em termos de perceção, memórias, e os espaços que registem a água como elemento presente, assumindo uma rica identidade.

Neste ponto, os jardins renascentistas italianos marcados pelos movimentos artísticos e culturais, passavam a ter fontes e espelhos d'água, desenhados em simetria e linhas geométricas. Já os jardins ingleses imitavam mais formas orgânicas com traçados livres, onde a água estava presente em lagos, rios ou córregos.

Portugal sempre teve essa ligação especial com o rio/mar.

Representada de diversas maneiras, a água sempre tem um papel no espaço público. Canais, paredes de água, chafarizes, fontes, córregos, são também ornamentações que permitem uma identidade e harmonia no conjunto construído.

Comprendemos com este elemento, o crescimento humano e ajuste na sociedade, tudo polarizado por esta nova centralidade.

3.2. Waterfronts | Frentes ribeirinhas

“ The waterfront isn't just something unto itself. It's connected to everything else.” Jane Jacobs.”



Figura 11| Fotomontagem Frente ribeirinha Samouco

Segundo o livro *Waterfront – Tagus River Gateway* a flexibilidade de um redesenho de uma frente ribeirinha, com um valor paisagístico e ambiental, uma considerável biodiversidade, encorajam mudanças sustentáveis com espaços de valorização urbana.

“Como aspecto chave é a reintegração contextual, e isso pode ser alcançado por uma clara conectividade, organização de lugares, proteção do património cultural, restauração da ecologia e preservação da fauna e flora. Uma outra camada de complexidade é a contribuição dos espaços verdes urbanos para a saúde e o bem-estar humano. Nesse sentido, os tópicos emergentes devem considerar os benefícios dos espaços azuis e verdes regenerados. (Babalís, 2018:10-11)

Toda a margem do rio/mar como parte integrante do espaço público apresenta dinâmica entre o limite terrestre e o limite aquático, onde se pretende a melhoria da qualidade de vida na cidade e, com isso, a redescoberta e reconexão com a cidade.

O encontro entre limites passaria a ter em consideração a água como uma nova expressão ligada ao ambiente, devolvendo a água à cidade.

O que observamos é o abandono das frentes de água como desatualização do tecido urbano. Logo estudamos as alterações climáticas e planeamos novos programas sob esse espaço vazio. A mudança significa ter habilidades para lidar com as complexidades e dinâmicas dos espaços e torna-los resistentes as adversidades.

Em um cenário ideal, seria feita a transformação sustentável das frentes de água, nas quais reconhecemos a importância do planeamento para lidar com desastres naturais e encontrar soluções inteligentes que reduzam os riscos.

Portugal sempre teve essa relação muito próxima com o rio/mar. Desde a época das grandes navegações e descobertas, como consta na história, até ao crescimento das suas maiores cidades.

Em termos de requalificação urbanística temos o exemplo da Expo98. Segundo o relatório PU (1999) fornecido pela Camara Municipal de Lisboa, a expo 98 deu início a um plano de revalorização da cidade, criando uma nova centralidade.

Considera a intervenção como uma resposta a desafios eminentes face ao crescimento económico e necessidades de modernização. Integrou a implementação de um programa de arte pública, hoje conta como uma das áreas da cidade mais densamente monumentosas (Ochoa,2012).

Um plano urbano maximiza o uso público. Um conjunto de infraestruturas de sucesso atraem moradores e requalificam o espaço. O objectivo é a inovação do desenho urbano e a reconversão urbanística que traga um programa de diversidade, recomposição e recuperação.

“The new paradigm of resilience for the 21st century waterfronts relies on their engagement in a permanent dialogue with nature, integrating solutions that enhance a symbiosis with local natural ecosystems. (Ressano, 2019:184)

3.3. Estudos de caso | Cidades canais

As propostas para as cidades canais abordam a transição que as cidades passam. Frente aos riscos eminentes de inundações devido a elevação anual do nível da água, as cidades canais planeadas utilizam o problema para uma arquitectura sustentável.

De maneira a tentar perceber como surgiram e reagiram as cidades canais, fez se um primeiro estudo sobre o *“The Finger Plan”* (1947). Aborda o plano urbanístico Dinamarquês, em Copenhaga. Prevê uma estratégia para todo o desenvolvimento da área urbana.

Numa altura em que muitas cidades metropolitanas europeias estavam crescendo em direção à natureza circundante e apropriando-se da mesma.

A partir dessa concepção os planeadores urbanos tiveram a ideia que Copenhaga deveria crescer as vias de acesso como cinco dedos em direção às cidades vizinhas.

Este plano propõe que a cidade deve desenvolver-se ao longo de cinco 'dedos', centralizados através das linhas ferroviárias, que se expandem como uma mão, da palma até os dedos.

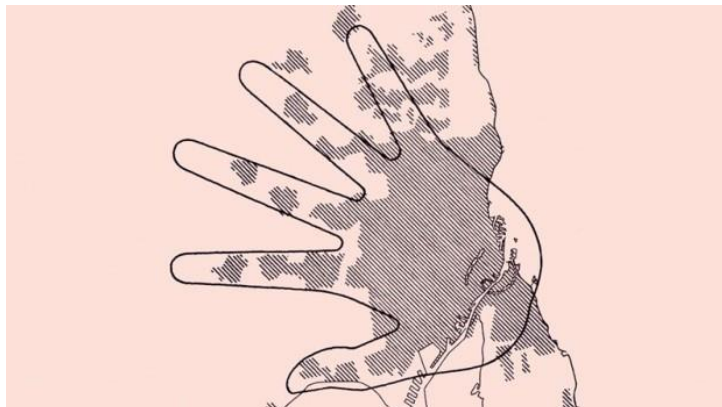


Figura 12 | Desenho "The Finger Plan" (Fonte Google Image)

Partimos de um eixo central: o denso tecido urbano de Copenhaga. Uma cidade que sentiu necessidade de gerar novos caminhos e ser articuladora do espaço. Este desenho permitiu uma liberdade para espaços destinados a segmentos agrícolas e recreativos.

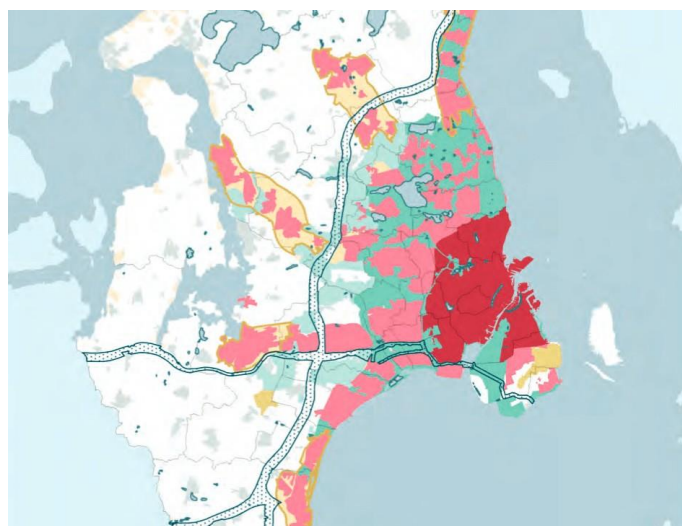


Figura 13 | Vista em planta da área Copenhaga (Fonte Google Image)

O Finger Plan também foi uma resposta à aceleração dos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial. Portanto, os percursos iniciais consistiam em trilhos antigos de comboio.

Entre os dedos havia parcelas de áreas verdes urbanas que possibilitavam que novos moradores percorressem menores distâncias para actividades de lazer.

Para a melhor compreensão do impacto sobre a cidade, cinco questões foram alteradas na vida da cidade. Desenvolveram, construíram e modernizaram todo o espaço urbano. Como consequência, os transportes públicos tornaram se mais eficientes através das grandes infraestruturas, aos poucos a cidade acolheu novos hábitos como uso cotidiano de bicicletas.

Transformou-se em uma cidade planeada mais para o uso pedonal e, como já vimos, gera mais experiências, entre o observador e a cidade.

Os caminhos mais verdes tornam todo o espaço mais agradável, modelo de crescimento ecológico e “sustentavelmente correcto”.

4 - PROPOSTA

4.1. Reflexão crítica

O programa baseia-se em características ambientais e funcionais que incentivem ao uso do exterior. Na obra Cadernos de Morfologia Urbana Formas Urbanas, autor Carlos Dias, define o relacionamento entre espaços urbanos em termos de integração e orientação. Escolhemos algumas situações que são válidas nesta fase da proposta.

A zona de intervenção do perímetro do Samouco tem as seguintes intenções programáticas:

- Instalar um novo percurso, complementado com áreas de Terciário e Hotelaria; que crie uma conexão maior com o rio.
- Instalar Equipamentos Culturais e de Lazer, ligados ao Rio, integrar o Pavilhão de Desportos já existente e áreas complementares de desporto;
- Construir áreas habitacionais complementares e diversificar a ocupação da zona.
- Para usos será implantado um Mercado, uma Praça e um Parque Verde conectados através e da água e adaptados à envolvente;

Tendo em conta a sua localização frente a ribeirinha, propõe-se o a criação de uma estrutura urbana singular, sendo a água elemento estruturante do desenho urbano, central e multifuncional mas que corresponda às medidas efectivas de requalificação ambiental e urbana.

A integração no tecido urbano envolvente, juntamente com a articulação de uma rede de acessibilidades com a rede metropolitana, deve conviver com a constituição de uma estrutura verde continua, sempre valorizando o sistema de vistas ribeirinhos.

O espaço público foi considerado como elemento estruturante da reconversão urbanística. Para isso, também foram feitos cruzamentos de ideias com pontos principais da cidade como: o mercado implantado ter características

semelhantes ao coreto do samouco através da sua materialidade. O parque com a casa do mirante, vinculada pela ideia dos níveis. E o chafariz com a Praça, pela ideia da água e por ambos representarem esse elemento central.

O Plano de Pormenor vai definir e caracterizar as regras para os parcelamentos em lotes urbanos, delimitando os Programas Preliminares nos quais se devem basear para elaborar os respectivos Estudos Urbanísticos de Pormenor.

Novas oportunidades de espaços e percursos. Referindo o autor Jan Gehl “ Há muito mais em caminhar do que apenas andar!”. Está em questão a valorização do contacto direto com a vida ao ar livre e o seu entorno.



Figura 14 | Inserção da malha referida

De um modo geral, opta-se por uma malha de quarteirões quase regulares, definidos por largas ruas paralelas ao rio, com uma ligeira inflexão na zona a se integrarem com os quarteirões existentes nesse local.

As avenidas são cruzadas por eixos perpendiculares ao rio. Estes eixos são as principais

formas de adaptação às malhas urbanas pré-existentes nas zonas envolventes à Zona de Intervenção.

O desenho começa com uma compreensão completa da maneira como as pessoas usam os espaços e da maneira que poderiam de utilizar os espaços.

Esta estratégia em camadas introduz proteções e marés interiores que podem dissipar a energia das ondas e reduzir a velocidade da água. Trabalhando com as comunidades afetadas localmente, novos tipos de atividades podem começar a serem desenvolvidas, de maneira eficazes, resilientes e complementares aos trabalho que já estão em curso na área da costa.

PARQUE

O parque invertido. Normalmente vemos parques mais abertos com pessoas a volta. Este propõe experiência em níveis com pequenos lugares para sentar. Como direcionasse a visão e sensação apenas naquele espaço. Em cada percurso uma nova sensação.



Figura 15 | Ilustração da proposta do Parque

O posicionamento dos parques laterais foram pensados segundo a boa orientação solar e com isso também proteção dos ventos dominantes.

Para esse propósito, o desenho sugere um conjunto de cenários de possível configuração do espaço público, em vez de uma implementação rígida de plano; uma estratégia de infiltração que utiliza a fragmentação do território existente e introduz esses traços, jardins, passarelas e canais.

MERCADO

Na proposta a Praça do Mercado é uma área aberta ao público. Geralmente está situado no centro da cidade, mas na proposta a localização teve em consideração a proximidade com a cidade.



Figura 16 | Ilustração do espaço social na Proposta do Mercado

Passa a ser um novo centro económico, um novo espaço social contemporâneo onde os habitantes locais possam encontrar-se e fazer compras. Como visto anteriormente um lugar de encontro que agrega polémicas e ideias sobre a funcionalidade da comunidade e do comércio ambulante.

A água como elemento estruturante fornece uma disposição eficiente das bancas do mercado. A capacidade de emergência e submersão desses elementos urbanos oferece uma infinidade de possibilidades de uso do espaço, transformando o local de intervenção de praça pública em mercado.

PRAÇA

O domínio público será definido pelo curso da água. É o principal conceito que a proposta representa.

A água se torna uma peça central para a Praça e irá animá-la de muitas maneiras. A intenção seria enfatizar a diversidade da comunidade e se conectará a uma variedade de belos espaços cívicos que permitem que visitantes, residentes e trabalhadores passem, se divirtam ou se encontrem.

A praça incentiva os residentes a reconsiderar o espaço como um pátio adicional, aumentando o senso de comunidade e adotando uma vida ambientalmente sustentável. Podem haver áreas que os residentes podem cultivar e colher produtos frescos incorporados na variedade de áreas externas comuns e privadas.



Figura 17 | Ilustração da Intervenção da água como convívio na Praça

Em suma, aumentará o bem-estar dos residentes, incentivará a responsabilidade social, aumentará a comodidade ao ar livre e contribuirá para construir a comunidade.

O design baseado em módulo do passeio marítimo facilita-o para novas atividades recreativas. O passeio marítimo será mantido como uma paisagem principalmente natural com flora e fauna. A proposta não abandona a presença das salinas mas respeita o perímetro escolhido para a intervenção do projecto, colocando em destaque as vias urbanas que são a chave e conexão para o projeto.

A área mais ao sul será projetada com árvores, gramados, caminhos e iluminação - um parque verde geral para passear e brincar. A economia do Samouco que tem se baseado principalmente no processamento agrícola e das salinas. Estas indústrias foram de grande importância para o crescimento e identidade da região como um todo, e tiveram uma influência dominante na orla marítima construída.

4.2 Processo de Concepção

I – Localização



Figura 18 | Foto Satélite do local de Intervenção Samouco

II – Barreiras existentes

Nas fotos, constamos as barreiras já existentes. E com alguns esquemas conceptuais conseguimos destacar a maneiras que as barreiras atuais podem ser exploradas.

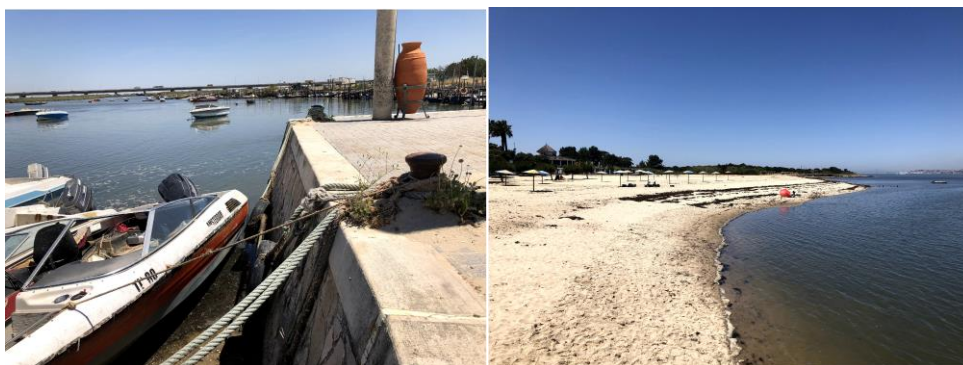


Figura 19 | Barreiras existentes

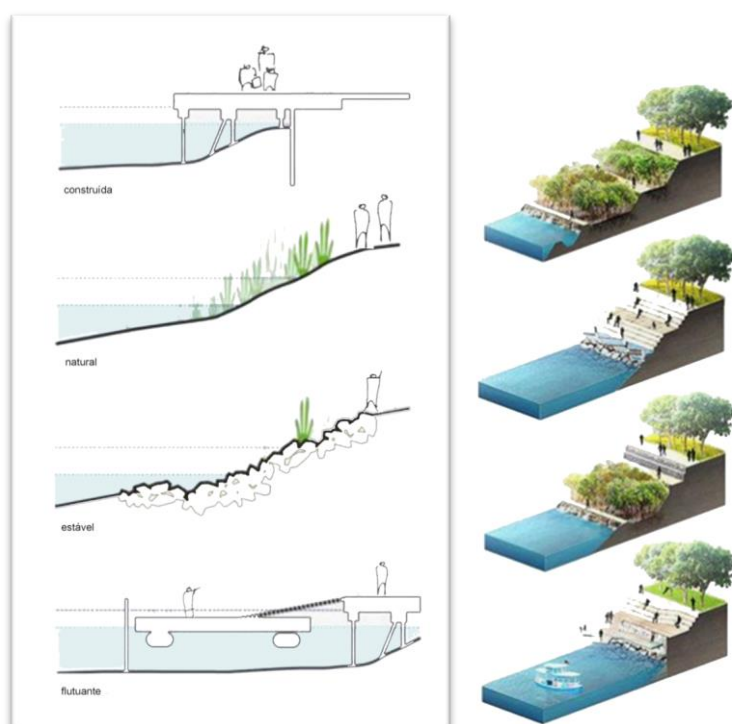


Figura 20 Ilustração de barreiras existentes e intervenções conceptuais

III – Esquisso

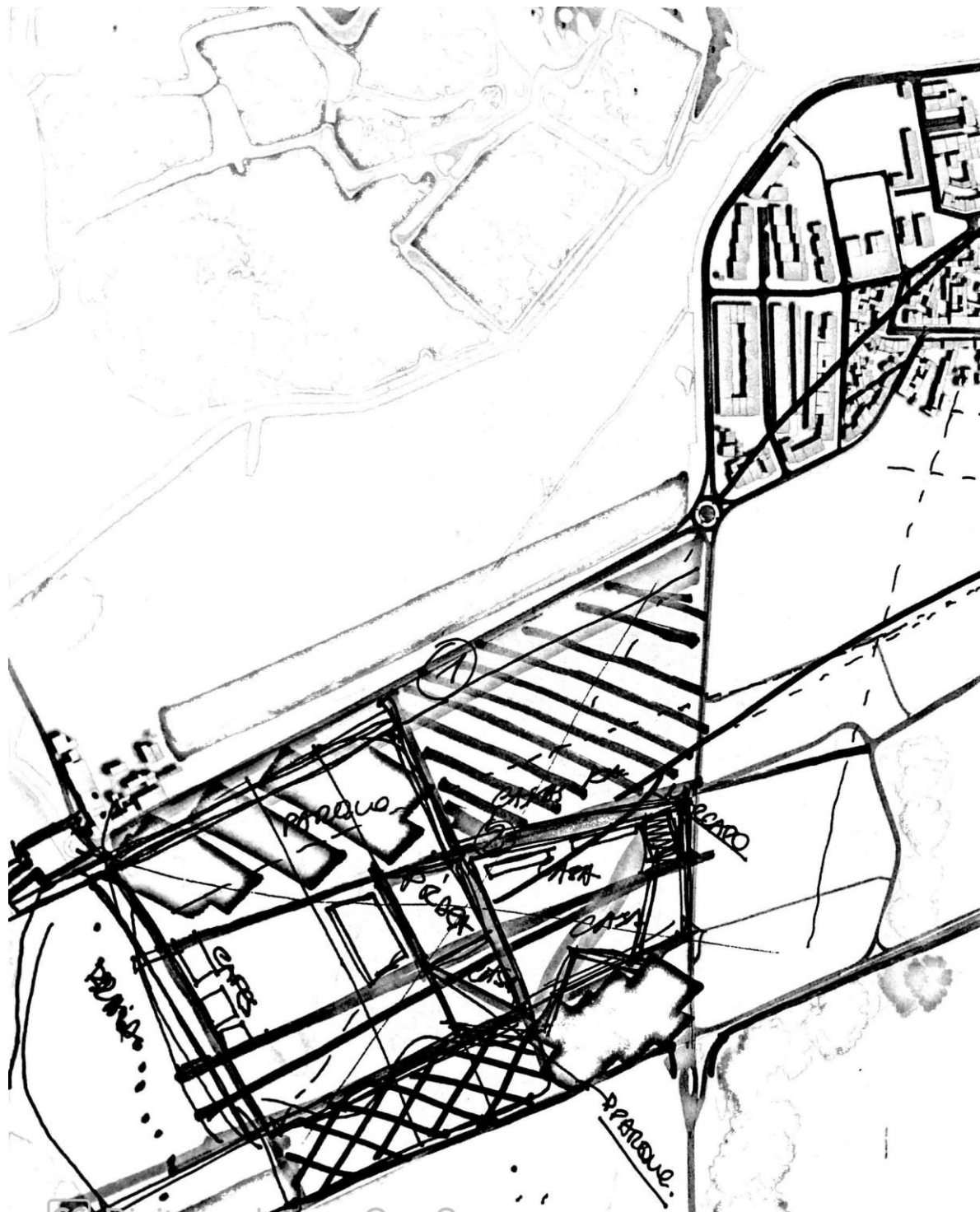
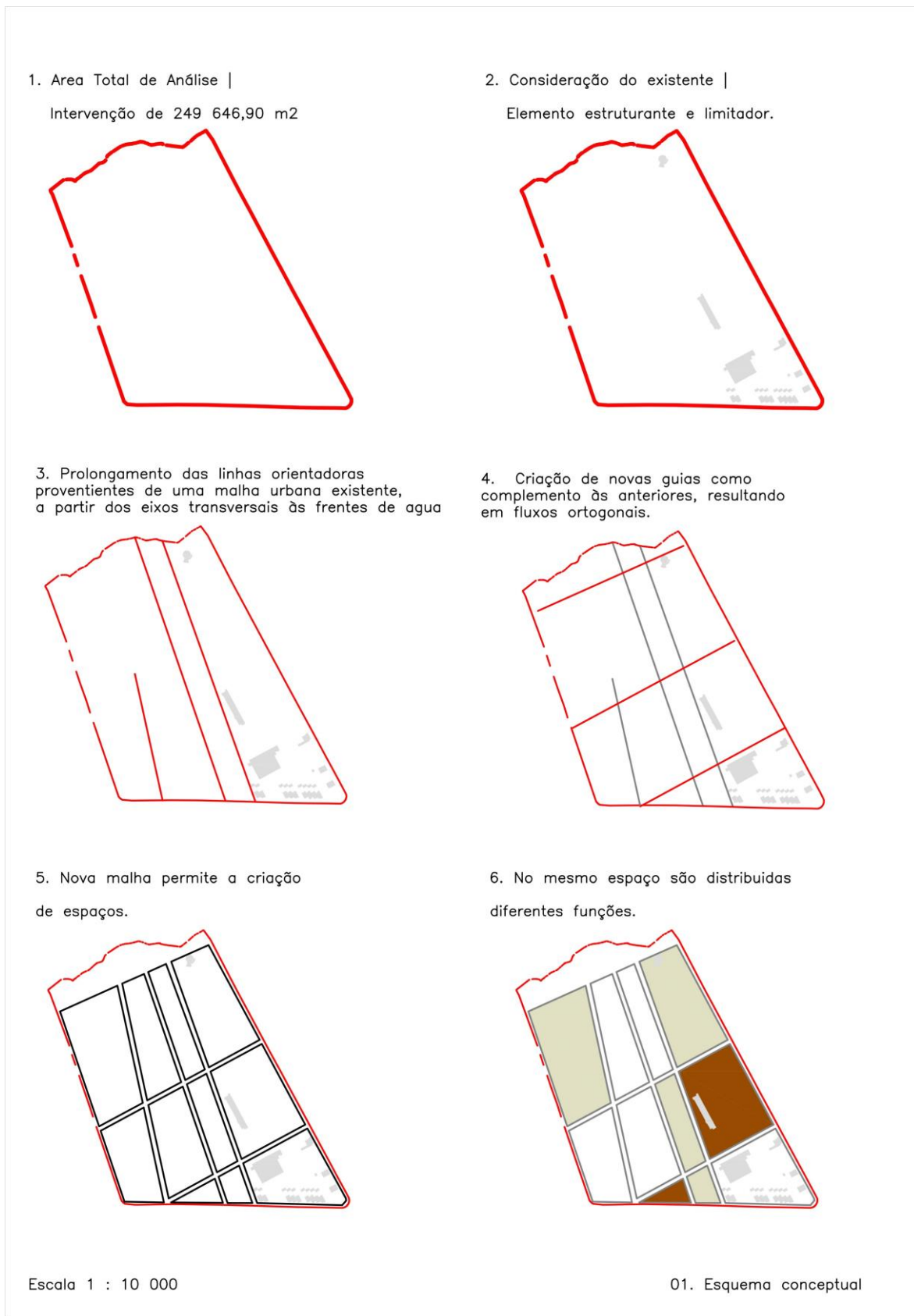
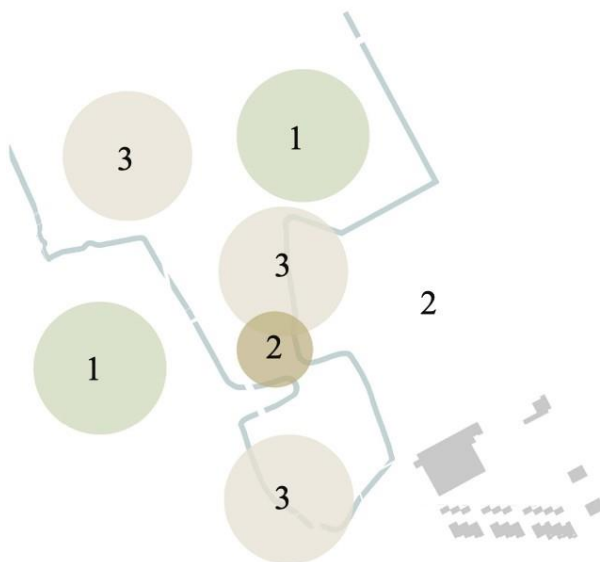


Figura 21 | Esquisso do processo no início do estudo da proposta

IV – Esquema Conceptual



- 1 - Áreas Verdes | Espaços Naturais
- 2 - Áreas de Lazer
- 3 - Espaços Multiusos



- 1 - Áreas Verdes | Espaços Naturais
- 2 - Áreas de Lazer
- 3 - Espaços Multiusos
- 4 - Mobilidade urbana | Vias**
- 5 - Percurso da água



V – Planta Geral





1 - PARQUE EXISTENTE |
REORGANIZADO

2 - PRAÇA

3- MERCADO

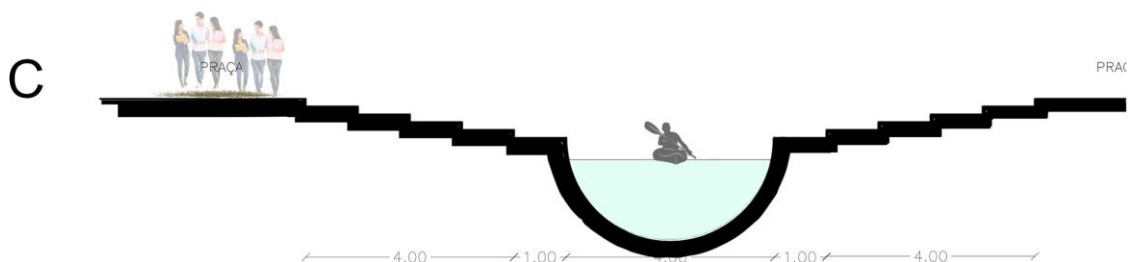
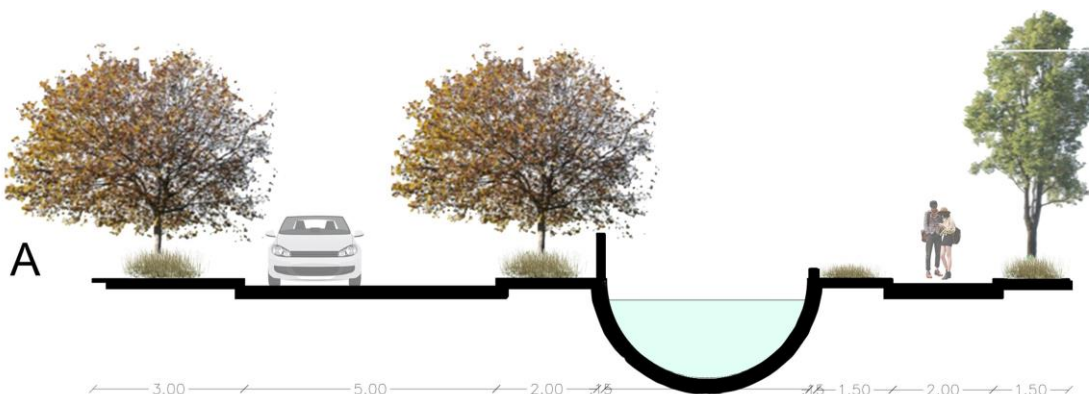
4- NOVO PARQUE COM LIGAÇÃO
AO PARQUE EXISTENTE'

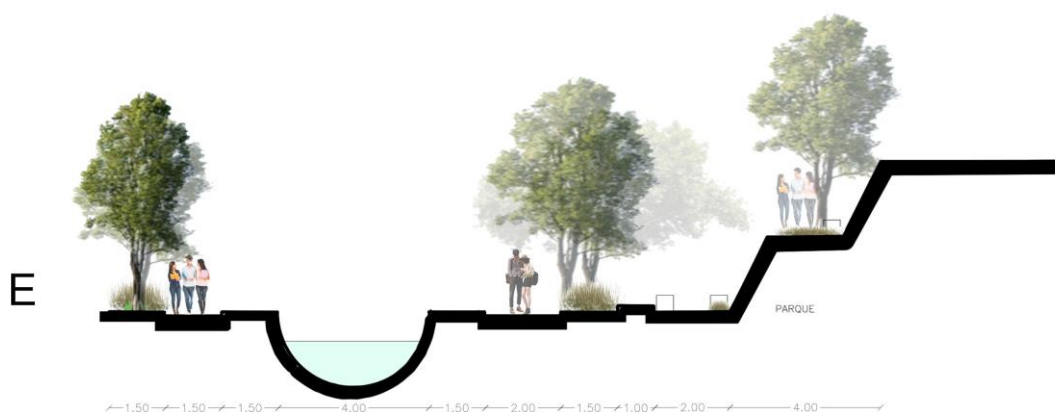
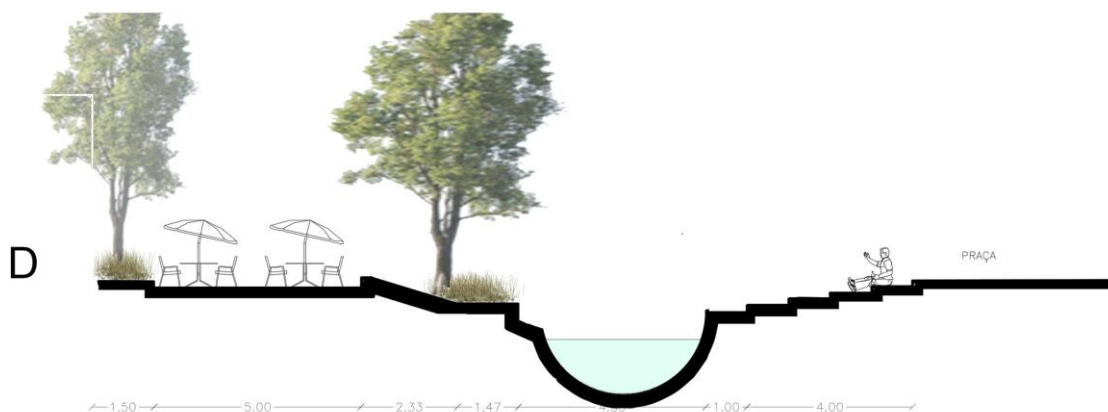
5- ESPAÇOS MULTIUSOS

03 Planta
Samouco
Area de Intervenção
N

VI – Cortes | Intervenções







VII – Fotomontagem



Figura 22| Ilustração Proposta Samouco Corte A

4.3. Conclusão

A reintegração da vida urbana através do rio é realizada pela ampliação gradual do alcance com várias linhas e traçados, introduzindo uma rede verde no tecido urbano e um território expandido de ruas e quarteirões. A qualidade dos espaços abertos cresce, com o elemento água, para a cidade e os seus habitantes.

Ao longo desta dissertação percorremos numerosos conceitos e referências. Aplicaram-se variados estudos nesta proposta de intervenção e classificações acerca do espaço urbano, da água, e da água dentro do espaço urbano.

O espaço suburbano foi consolidado a partir da primeira escolha, a água como elemento estruturante. Originou-se a partir do momento em que houve uma maior preocupação com as transformações que acontecem ao longo do tempo no meio ambiente.

Através da história do Samouco e de seus processos de crescimento e transformação conseguimos analisar algumas estratégias de requalificação do espaço utilizadas a partir da maneira que a população vivencia o lugar. O espaço urbano entre o centro e os novos grandes equipamentos desencadearam espaços de novos usos como um prolongamento revitalizador da cidade.

A proposta visa não tanto modificar a linguagem, a imagem e a paisagem, mas sim trazer novas possibilidades de uso e ocupação humana. O objectivo é que o novo lugar proporcione experiências ao nível do lazer, do desporto e da contemplação.

Em suma, o local foi maioritariamente promovido tendo em conta suas potencialidades de localização, como espaço de frente ribeirinha e ao encontro da sua generosa biodiversidade. Foi estratégia principal deste novo desenho urbano a “reivindicação do rio”, reconsiderando um modelo sustentável em harmonia com os habitantes e o crescimento urbano.

BIBLIOGRAFIA

- AUGÉ, M. (1994) *Não lugares*. Introdução a uma antropologia da super modernidade. São Paulo: Papirus, (Original 1993)
- DIAS, A.B.. *Cadernos de Morfologia Urbana, Livro 2. Forma Urbana* (2006)
- BACON, Edmund (1969). *Design of the cities*.
- CORBUSIER. (2000). *Planejamento Urbano*. Editora Perspectiva, São Paulo.
- CULLEN, Gordon. (1974). *Paisagem urbana*
- GEHL, Jan. (2010) *Cidades para pessoas*. São Paulo. (Original 1936)
- JACOBS, J. (2011) *A morte e a vida das grandes cidades*. (Original 1961)
- KOSTOF, Spiro, (1999). *The city shaped : urban patterns and meanings through history* . Boston : A Bulfinch Press Book Little, Brown and Company,.
- KOSTOF , Spiro (1992). *The city assembled. The elements of urban form through history*. Boston: A Bulfinch Press Book Little, Brown and Company.
- LE CORBUSIER (2000). *Planejamento Urbano*. (São Paulo editor perspectiva)
- LEFEBVRE, H. (1974) *La production de l'espace*.
- LYNCH, Kevin. *Good City Form*.
- LYNCH, Kevin (2008). *La imagen de la ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili. (Original publicado em 1960).
- MILUN, kathryn (2005). *Pathologies of modern space: empty space, urban anxiety, and the recovery of the public self*. NYC, London: Routledge.
- PANERAI, Phillippe (2004). *Urban Forms : the death and life of the urban block*. Oxford; Boston : Architectural Press.
- PORTAS, N. (1998). *Cidades e Frentes de Agua / Cities And Waterfronts*. Porto: FAUP.

RESSANO, Garcia (2018). *Waterfront – Tagus River Gateway*. Lisboa: ULHT.

ROSSI, A. (1979). *A arquitetura na cidade*. São Paulo.

SHAW, B. (2001). *History at the water's edge*. In Marshall R. (ed), *Waterfronts in Post- Industrial Cities*. London and New York: Spon Press.

TAVORA, Fernando (2008). *Da Organização Do Espaço*. Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2008

APÊNDICES

Extra Samouco

	<p>RESERVA NATURAL DO ESTUÁRIO DO TEJO</p> <p>O CONCELHO DE ALCOCHETE ABRANGE A MAIS IMPORTANTE ZONA HÚMIDA DO PAÍS E UMA DAS MAIS IMPORTANTES DA EUROPA, CLASSIFICADA COMO RESERVA NATURAL, UM ESTATUTO QUE LHE FOI ATRIBUÍDO DEVIDO À DIVERSIDADE DE AVES MIGRATÓRIAS QUE ESCOLHEM O ESTUÁRIO COMO HABITAT DURANTE O INVERNO.</p> <p>VALOR BIOLÓGICO, IMPORTANCIA HISTÓRICA E IDENTITÁRIA, SALTICULTURA.</p>	
<p>SALINAS DE SAMOUÇO</p> <p>CONSTITUÍDO POR UMA ÁREA DE 360 HECTARES, O COMPLEXO DE SALINAS DE SAMOUÇO É UM LOCAL DE ALIMENTAÇÃO, REFÚGIO E NIDIFICAÇÃO PARA MILHARES DE AVES ONDE SE DESTACAM ESPÉCIES COMO A CHILRETA, O PERNILONGO E O BORRELHO-DE-COLEIRA-INTERROMPIDA. AS SALINAS DE SAMOUÇO APRESENTAM-SE COMO O SALGADO COM A MAIOR RIQUEZA E ABUNDÂNCIA DE AVES DURANTE O PERÍODO DE PREIA-MAR DE TODO O TEJO. EM CONTRASTE COM O SEU ENFRAQUECIMENTO ECONÓMICO, VERIFICA-SE QUE A RIQUEZA ECOLÓGICA DAS SALINAS TEM SIDO CADA VEZ MAIS VALORIZADA E RECONHECIDA. SAL MARINHO PRODUZIDO DE FORMA ARTESANAL EM SALINAS CENTENÁRIAS.</p>		<p>TURSIMO</p> <ul style="list-style-type: none"> - SALINAS - PRAIAS - PASSEIO DO TEJO - OBSERVAÇÃO DAS AVES - MUSEUS - HERDADE DA BARROCA D'ÁLVA: INTEGRADOS NO PATRIMÓNIO NATURAL DO CONCELHO DE ALCOCHETE, OS ARROZAIAS, TAL COMO AS SALINAS, ASSUMEM-SE COMO UM IMPORTANTE HABITAT PARA ESPÉCIES DIVERSIFICADAS COMO AVES AQUÁTICAS, ANFÍBIOS, RÉPTEIS E SEUS RESPECTIVOS PREDADORES, COMO É O CASO DAS CEGONHAS E DAS GARÇAS.